



ARTE CONTEMPORÂNEA: AÇÕES EXPOSITIVAS E ESTRATÉGIAS MUSEAIS

Nara Cristina Santos
(ORGANIZADORA)

PPGART
editora

**ARTE CONTEMPORÂNEA:
AÇÕES EXPOSITIVAS E ESTRATÉGIAS MUSEAIS**

ISBN: 978-85-93462-09-2

Organização: Nara Cristina Santos (UFSM)

Revisão: Natascha Carvalho

Projeto Gráfico: Daniel dos Santos | www.ds.art.br

Fotografia da Capa: Walesca Timmen. (Detalhe da obra PLNT₃, de Raul Dotto e Walesca Timmen, para FACTORS 4.0).

A786 Arte contemporânea : ações expositivas e estratégias museais /
organização Nara Cristina Santos. – Santa Maria, RS : Ed PPGART,
2019.
141 p. : il.

978-85-93462-09-2

1. Arte 2. Arte contemporânea 3. Museologia 4. Museus - ações
expositivas I. Santos, Nara Cristina

CDU 7.036

Ficha catalográfica elaborada por Shana Vidarte Velasco - CRB-10/1896
Biblioteca Central da UFSM

Todos os direitos desta edição estão reservados à Editora PPGART.

Av. Roraima 1000. Centro de Artes e Letras, sala 1324.

Bairro Camobi | Santa Maria / RS

(55) 3220-9484 | (55) 3220-8427

editorappgart@ufsm.br e seceditorappgart@gmail.com

<http://coral.ufsm.br/editorappgart/>



ARTE CONTEMPORÂNEA: AÇÕES EXPOSITIVAS E ESTRATÉGIAS MUSEAIS

Nara Cristina Santos
(ORGANIZADORA)

- 4 APRESENTAÇÃO
-
- 7 **MUSEU INTERFACE:
A IMPLOÇÃO DO CUBO BRANCO E A MUSEOLOGIA RADICAL**
Priscila Arantes (*UAM/Paço das Artes*)
-
- 20 **DE LOS CRUCES DE SABERES A LAS TRANSFORMACIONES
EN LOS 'ESPACIOS DE ARTE'**
Tania Aedo Arankowski (*Laboratório Arte Alameda/INBA/México*)
-
- 24 **ARTE/TECNOLOGÍA: ENCRUCIJADAS EXPOSITIVAS**
Mariela Yeregui (*UNTREF/Argentina*)
-
- 40 **DESAFIOS CURATORIAIS E EXPOSITIVOS EM ARTE E TECNOCÍENCIA**
Suzete Venturelli (*UnB*)
-
- 51 **EXPERIÊNCIA BIENALSUR**
Diana Weschler (*UNTREF- BIENALSUR*)
-
- 57 **MUSEUS SE EXPÕEM: DIÁLOGO OU CONTEMPLAÇÃO?**
Heloisa Helena Costa (*UFBA*)
-
- 72 **MUSEU DA ESCOLA CATARINENSE: A EXPERIÊNCIA DE PRESERVAÇÃO DO
ESPAÇO E CONSTRUÇÃO DE ARQUIVO VIRTUAL**
Sandra Makowiecky e Beatriz Goudart (*UDESC*)
-
- 84 **MUSEUS E SUAS NOVAS MUSEOGRAFIAS: UMA TEORIA MUSEOLÓGICA**
MARCIO ANDREI FLORES SOUZA
Marcio Andrei Flores Souza (*MASM*)
-
- 100 **OS CATÁLOGOS DE EXPOSIÇÕES ASSOCIADOS À EXPERIÊNCIA
MUSEOGRÁFICA**
Valéria Boelter, Mário Vairinhos e Álvaro Sousa (*Universidade de Aveiro / Portugal*)
-
- 119 **ARTE-CIÊNCIA-TECNOLOGIA: ESTRATÉGIAS CURATORIAIS NO FACTORS**
Nara Cristina Santos (*UFSM*)
-
- 137 **MINI-CURRÍCULO DOS AUTORES**

APRESENTAÇÃO

Este livro está organizado em dez capítulos, escritos por pesquisadores nacionais e internacionais, para discutir ações expositivas e estratégias museais abordadas, em parte, no 12º Simpósio de Arte Contemporânea, realizado em agosto de 2017, na Universidade Federal de Santa Maria. Os autores convidados buscam problematizar em suas pesquisas e atuações relevantes no campo da Arte, da Tecnologia e da Cultura, algumas questões emergentes na contemporaneidade. Desde as interfaces museais, as transformações dos espaços de exposição, os desafios das exposições em outras plataformas, as estratégias curatoriais até as políticas públicas que não atendem demandas da área. As diferentes atuações e ações compartilhadas nesta coletânea por professores, artistas, curadores, críticos, historiadores, diretores de espaços culturais públicos, resultam de projetos, práticas e exposições realizadas em museus e galerias universitárias de arte no Brasil, na Argentina e no México.

Nesta publicação, os autores revelam em cada artigo uma atitude comprometida com a Arte Contemporânea. Não apenas com a cena artística do seu tempo, mas também com a produção cultural que se propõem questionadora de seu tempo e de seu contexto, para gerar conhecimento crítico e aproximar-se de diferentes públicos. Vale lembrar que, de acordo com Boris Groys (2018), ser contemporâneo significa estar com-o-tempo, no sentido de ser camarada do tempo, alguém que colabora com o tempo e o ajuda quando este tem dificuldades.

Para iniciar, Priscila Arantes discorre sobre sua experiência no Paço das Artes em São Paulo, ao debater o museu como interface experimental, a implosão do cubo branco e a museologia radical. Ela questiona a situação crítica em que se encontram os museus de arte diante das atuais políticas públicas brasileiras e quais poderiam ser as estratégias possíveis de ação nos dias de hoje.

Tania Aedo compartilha suas vivências junto ao Laboratório de Arte Alameda, na Cidade do México, para discutir o que surge dos cruzamentos de diferentes saberes e as transformações que eles provocam nos espaços de arte. E pergunta como poderia se entender as características do museu atual, diante da relação histórica entre arte, o conhecimento e a percepção.

Mariela Yeregui trata, como artista e curadora, sobre quais seriam as encruzilhadas expositivas que surgem na intersecção da arte e da tecnologia, a partir das experiências dela junto à Universidade Três de Fevereiro, em Buenos Aires. Afinal, muitos trabalhos realizados com recursos eletrônicos, não tem um espaço apropriado para valorizar a exibição.

Suzete Venturelli parte da vivência como organizadora do #art, o Encontro Internacional de Arte e Tecnologia na Universidade de Brasília, para pensar os desafios curatoriais e expositivos em arte e tecnociência. Para ela, quem realiza a curadoria de uma mostra de arte computacional precisa manter um diálogo mais próximo com os artistas.

Diana Weschler discorre sobre sua experiência como curadora e diretora artística na primeira edição da BIENALSUR, proposta distinta de bienal internacional, entendida mais como uma plataforma emergente para a arte contemporânea provocar a sociedade. Diana acredita na ampliação da cartografia artística para neutralizar as relações entre centros e periferias, propondo um novo mapa.

Heloisa Helena Costa questiona o modo pelo qual os museus atualmente se expõem, se através do diálogo ou da contemplação. Ela busca compreendê-los como laboratórios para a prática museológica e comunicacional, assim como espaços culturais que podem proporcionar um diálogo tanto intelectual, quanto lúdico com o público.

Sandra Makowiecky e Beatriz Goudart destacam a experiência de preservação do espaço e construção do arquivo virtual do Museu da Escola Catarinense. Para as autoras, o museu funciona como um espaço de contato cultural, onde o público tem a possibilidade de ampliar a experiência para um mundo em que o conhecimento pode ser compartilhado.

Márcio Flores traz uma colaboração para a área da museologia, a partir da sua vivência no Museu de Arte de Santa Maria. Ele discute questões teóricas em torno das concepções de museu, museografia, expografia e curadoria, integradas a um sistema que promove a construção do patrimônio cultural de modo dinâmico.

Valeria Boelter, com Mário Vairinhos e Álvaro Sousa desde a Universidade de Aveiro, analisa catálogos de exposições como experiência museográfica, pensados no âmbito da expografia, mais precisamente do design expositivo. A maioria dos catálogos de exposições são produzidos antes das mostras, mas ter acesso as imagens de registro da montagem e da prática expográfica, é fundamental para exposições em Arte e Tecnologia Digital.

Nara Cristina Santos compartilha as ações expositivas e estratégias curatoriais do Festival Arte Ciência e Tecnologia, de 2014 até 2019. O argumento da curadoria fundado no conceito de transdisciplinaridade aponta muitas vezes questões complexas, não necessariamente difíceis de resolver, mas sempre provocadoras de outras estratégias a cada edição do FACTORS.

Para finalizar, este livro propõe o debate de concepções e ações vinculadas a gestão e organização de espaços museais, curatorias de exposições, mostras, festivais, bienais de arte. Tanto por meio da atuação pessoal e ou institucional compromissada, quanto por meio do engajamento em contextos sociais, culturais e políticos distintos. E cada autor contribui, a sua maneira como pesquisador contemporâneo, na discussão das ações expositivas e estratégias museais, para a produção de conhecimento crítico na Arte Contemporânea.

Nara Cristina Santos

MUSEU DA ESCOLA CATARINENSE: A EXPERIÊNCIA DE PRESERVAÇÃO DO ESPAÇO E CONSTRUÇÃO DE UM ARQUIVO VIRTUAL¹⁶

Sandra Makowiecky e Beatriz Goudard

Universidade do Estado de Santa Catarina/UEDESC

INTRODUÇÃO

Na décima segunda edição do Simpósio de Arte Contemporânea – realizado pelo Laboratório de Pesquisa em Arte Contemporânea, Tecnologia e Mídias Digitais (LABART), da Universidade Federal de Santa Maria, “se promoveu a discussão em torno do papel do historiador, teórico e crítico de arte, frente às diferentes possibilidades de montagens de exposições e às diferentes percepções de exploração do espaço do museu. O evento visou também discutir questões atuais sobre a pesquisa em poéticas digitais em Arte Contemporânea através de palestras e conferências de professores e pesquisadores da área”, nos dizia a convocação do evento. O convite foi formulado para que apresentássemos o trabalho realizado no Museu da Escola Catarinense. Buscamos contemplar em nossa fala, nossos estudos, nossas atividades, que alcançam iniciativas de construção de arquivos, museus e centros de memórias, bem como experiências de educação patrimonial relacionadas às memórias da Educação. Tentaremos mostrar um caso em que a busca pela preservação dos lugares de memória da educação encontra lugar na construção de um museu - O Museu da Escola Catarinense (MESOC) da Universidade do Estado de Santa Catarina (UEDESC), situado em Florianópolis, Brasil - que passou recentemente (de 2013 até hoje) por uma experiência de preservação de seu prédio e espaços físicos, bem como da experiência de construção de seus arquivos, também em forma virtual, com muito ma-

¹⁶ Uma versão reduzida deste artigo, foi apresentada no IV Colóquio de História da Educação, 2016, Criciúma. Anais do IV Colóquio de História da Educação. Criciúma: UNESC, 2016. Disponível em <<http://www.unesc.net/portal/resources/files/595/Museu%20da%20Escola%20Catarinense%20a%20experiencia%20de%20preservacao%20do%20espaço.pdf>> Acesso em 08 fev.2018.

terial disponibilizado em sua página, no site da Universidade do Estado de Santa Catarina, ambicionando que sua preservação e valorização possam garantir que os trabalhos de memórias consigam legitimar identidades.

Os museus funcionam como zonas de contato, espaços em que sujeitos que estavam separados no tempo e na geografia, por razões das mais variadas, têm a oportunidade de se encontrar, alargar a experiência de vida e ver que o mundo pode ser compartilhado e apreendido. O que se encontra em um museu gera um interesse que não se esgota na visualidade efêmera. Há outras implicações de natureza diversa: a informação e o conhecimento, os vínculos de subjetividade, inclusive identitários, que podem ser criados ou reativados, o exercício da imaginação. Este trabalho de grande envergadura apresenta várias problemáticas com os quais nossos museus se defrontam, tanto por suas dificuldades operacionais, financeiras, por falta de investimentos, bem como de equipes especializadas. Sabemos que as pesquisas sobre a história dos arquivos e da arquivologia são pouco desenvolvidas no Brasil, há muito ainda a ser explorado e os dilemas da arquivologia brasileira no tempo presente são muitos, mas precisamos enfrentar estes problemas. Este artigo se propõe a relatar a preservação de um patrimônio cultural catarinense ligado à educação que está repleto de histórias para contar.

Jacques Derrida, em *Pensar em não ver: escritos sobre as artes do visível* (2012), discute arquivo, entendendo a memória como a necessidade ou desejo de colecionismo. Temos a necessidade de memória porque temos o medo de perder. Para Derrida, *“O arquivo, não é uma questão de passado, é uma questão de futuro”* (Derrida, 2012, p. 132), pois selecionamos o que consideramos que seja importante e o que é preciso que se repita no futuro. A memória no arquivo está em trazer para a atualidade o que está distante e dar continuidade ao passado, garantindo que este sobreviva amanhã. Este movimento de olhar projetado para o passado é expresso por Agamben no livro *O que é contemporâneo e outros ensaios*, quando diz que a *“via de acesso ao presente tem necessariamente a forma de uma arqueologia”* (Agamben, 2009, p. 70), no sentido de situações que já aconteceram, já foram vividas e no presente não podemos mais viver nem alcançar, mas devemos lançar um olhar para o não-vivido no que é vivido, em um movimento que não cessa ao se repetir.

SOBRE A CRIAÇÃO DO MESC

A criação do Museu da Escola Catarinense teve como objetivo principal sua consolidação como espaço educativo não formal, responsável pela preservação do patrimônio cultural catarinense ligado à Educação. O Museu se restringe à Educação Escolar, delimitando com mais clareza seu objetivo e estabelecendo similaridade com outro museu desta natureza no Brasil, o Museu da Escola de Minas Gerais, primeiro no gênero no Brasil, que guarda a memória da educação escolar do Estado, com ênfase no trabalho do professor e no seu fazer cotidiano. O museu da Escola Catarinense (criado em 1992), está abrigado em edifício que foi construído para abrigar a Escola Normal Catharinense (1892 -1926). Trata-se de um edifício tombado como Patrimônio Histórico. Há uma seção destinada aos materiais de escola, sobretudo do início do século XX até os anos 70. Citamos: giz, cadernos, lápis, mata-borrão, palmatória, quadros miniatura, escrivatinhas, máquinas de escrever, mimeógrafo, apagador, livros de consulta, quadro negro, armários, carteiras. O armário porta-bandeira, o púlpito, quadros com amostras sementes de produtos agrícolas nacionais que recebiam o sugestivo nome de “*museu escolar*”. Destacamos a presença frequente do relógio e crucifixo e de gravuras, mapas, coleções de insetos, globo terrestre, abecedários de madeira, esqueletos humanos, imagens de homens ilustres, obras de arte. Considerados indispensáveis à prática do método de ensino intuitivo ou lições de coisas, contribuíram para que a instituição escolar cumprisse a sua dupla tarefa de instruir e educar/moralizar/higienizar/civilizar. É na sala de aula que se compreende o macro universo existente à nossa volta, que está correlacionado ao nosso universo próprio. Visitar um museu desta natureza não é apenas “*absorver*” cultura. Esse universo material, sensorial, é muito importante na nossa existência, respondem a valores, a interesses, a focos de conflitos e suportes de dominação. O acervo hoje existente (fig. 1) leva à esta direção, podendo se constituir como um Centro de Pesquisa sobre a história da educação escolar em Santa Catarina. O MESC integra oficialmente o Sistema Nacional de Museus, possui inscrição no Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) e fez adesão ao Sistema Estadual de Museus em 2007. O Museu também pretende contemplar um centro cultural que possa abrigar exposições de artes plásticas e de outras naturezas, cursos, apresentações cênicas e musicais, bem como eventos culturais de forma ampla. Atualmente, o MESC tem sido espaço para cursos de capacitação da própria universidade e tem feito parcerias com instituições ligadas à arte e museologia, bem como abriga-

do diversas mostras culturais. O Plano Museológico do MESC foi elaborado por museóloga, juntamente com a equipe do Museu, em 2013.

SOBRE A EXPERIÊNCIA DE PRESERVAÇÃO DO ESPAÇO

O Museu recebeu durante o ano de 2013 uma série de melhorias em sua estrutura física para sediar a 12ª edição da Mostra Casa Nova (evento de arquitetura). A Mostra buscou valorizar a rota cultural no Centro da Capital e contribuir com a preservação do patrimônio histórico. O edifício foi construído para abrigar a Escola Normal Catharinense, no final do século XIX (1892), inaugurada no prédio do MESC em 1926. Foi a primeira Faculdade de Educação do Brasil e mais tarde, dessa iniciativa nasceu a UDESC. Criado em 1992, o museu foi instalado definitivamente no prédio a partir de 2007. O prédio do MESC é bem imóvel tombado e classificado como P1, que significa tombamento total, externo e interno e, portanto, quaisquer obras que venham a ser realizadas no mesmo, necessitam de autorização e supervisão da Fundação Catarinense de Cultura, do Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis e do SEPHAN - Serviço do Patrimônio Histórico, Artístico e Natural do Município (ele é tombado em nível estadual e municipal). O prédio não dava visibilidade ao campo de pesquisa e memória pública, justamente porque poucos o conheciam, porque seu acervo não estava em condições de ser consultado, sobretudo o documental, e seu aspecto físico merecia reparos urgentes.

Várias das questões complexas afetam este estudo de caso. Ele envolveu teorias e critérios de intervenção em obras consideradas patrimônio artístico e arquitetônico, adequando ao uso na atualidade, equilibrando a intervenção entre os aspectos históricos e estéticos, com projetos aprovados pelos órgãos de preservação oficiais. Como benefícios resultantes, após o término do evento, os órgãos de preservação histórica fizeram vistoria no imóvel para determinar o que poderia permanecer e o que deveria ser retirado, pois o prédio tombado está inscrito na categoria P1. Todas as modificações e projetos tiveram que ser aprovadas por estes órgãos. A análise bem feita pelos órgãos responsáveis permitiu que mais melhorias fossem feitas para o MESC, para além do que inicialmente se planejava. Por exemplo, reforma interna com a pintura das paredes, o melhoramento dos pisos de madeira que foram lixados e encerados e o realinhamento das tubulações elétricas e hidráulicas ficaram como legado, a nova calçada de passeio em frente ao MESC. Além disso,

o Museu ganhou, após o término do evento, banheiros novos, um café (fig.3), uma lojinha (fig.4) e a iluminação da fachada, que ganhou pintura nova e projeto luminotécnico (fig.2), executado com tecnologia de vanguarda no Brasil. Também foram recuperadas as redes elétrica e hidráulica, projetos de prevenção de incêndio e vigilância sanitária, recuperação dos banheiros, dos pisos das salas, esquadrias de portas, janelas e vidros, além de outros. Importante mencionar também a execução e doação do projeto da Loja e Café do Museu, este último com projeto de autoria da arquiteta Beatriz Kubelka Fernandes, que foi agraciado com uma menção honrosa no 2º Prêmio Arquitetura Catarinense, na categoria “*Projetos de Restauro e Conservação de Edificações e Sítios Históricos*”.



Fig.1. Sala expositiva de acervo permanente. Fonte: acervo do Museu da Escola Catarinense.



Fig.2. Fachada iluminada. Fonte: acervo do Museu da Escola Catarinense.

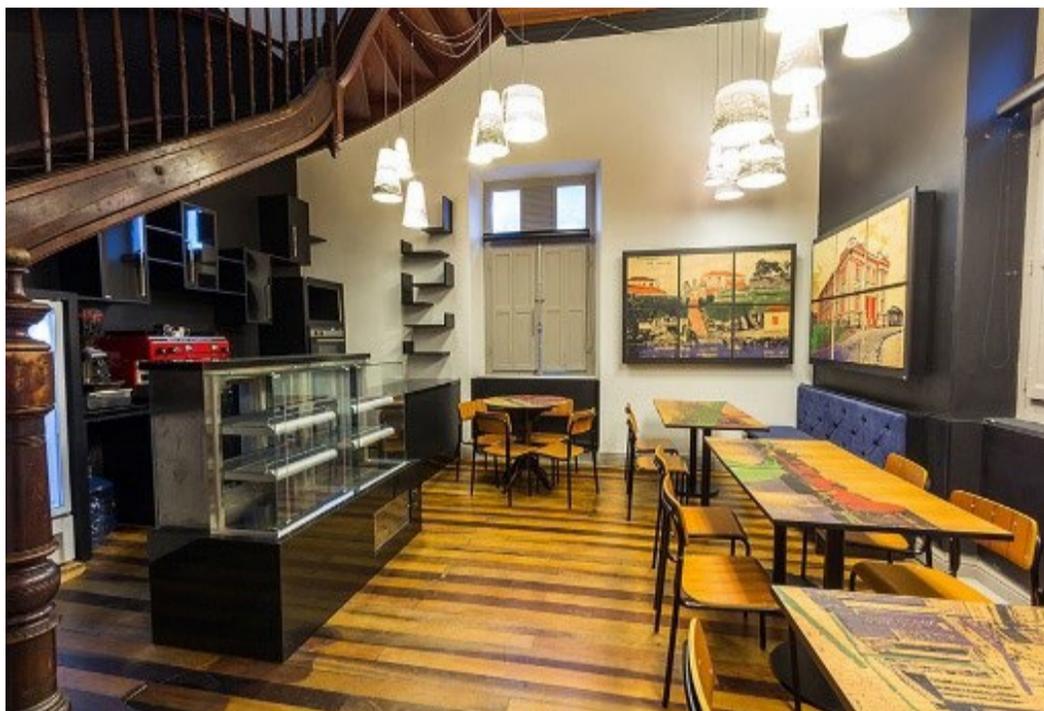


Fig.3. Café do Museu. Fonte: acervo do Museu da Escola Catarinense.



Fig. 4. Lojinha do Museu. Fonte: acervo do Museu da Escola Catarinense.

SOBRE UMA CUSTOSA E DIFÍCIL RESTAURAÇÃO OU OPERAR UMA INTERVENÇÃO / RECUPERAÇÃO PREVENTIVA

Como não cristalizar o patrimônio do Museu da Escola Catarinense sem des-significá-lo? Como atualizá-lo na dinâmica temporal, considerando sua materialidade e imaterialidade? O que deveríamos fazer? Esperar por uma custosa e difícil restauração ou operar uma intervenção/recuperação preventiva? Optamos pelo termo restauração preventiva, conceito utilizado por Brandi (2004), que embute diretrizes de observância à estética, à história, à função e à ambiência cultural. Na recuperação preventiva realizada no Museu, percebemos que prevaleceu para sua recuperação os princípios do Restauro Científico da Carta Italiana de Restauro de 1972, por Cesare Brandi (2004), sem esquecer que esta res-

tauração visava restabelecer a unidade potencial da obra, sem cometer o falso artístico ou o falso histórico. Concordamos também com Vinãs (2003), quando diz que, sobre os objetos/monumentos históricos, nenhuma circunstância material justifica a preocupação porque seu valor é outro. Trata-se de um valor convencional, acordado e concedido por um grupo de pessoas, e sobre estes objetos acrescentam-se valores que na realidade correspondem a sentimentos, crenças e ideologias, ou seja, a aspectos imateriais da realidade. É o entendimento do bem cultural em seu caráter simbólico e impregnado de sentidos, um conceito ainda não explicitado, denominado de “intangibilidade”. O trabalho realizado envolveu teorias e critérios de intervenção em obras consideradas patrimônio artístico e arquitetônico, adequando ao uso na atualidade, equilibrando a intervenção entre os aspectos históricos e estéticos, com projetos aprovados pelos órgãos de preservação oficiais. Havia a percepção da sustentabilidade referente à reutilização de edifícios antigos e áreas urbanas já construídas, visando ajudar a evitar o esvaziamento e degradação dos centros históricos das cidades brasileiras. Era presente a necessidade de compatibilização e intervenção sustentável dos edifícios antigos às novas funções e necessidades. As políticas dos órgãos de preservação de patrimônio federal, estadual e municipal e as distintas legislações que protegem o patrimônio nas diversas instâncias governamentais foram observadas, com atento acompanhamento por parte de todos.

Em um texto bastante utilizado na área de patrimônio, chamado “*O novo historicismo: ressonância e encantamento*”, Stephen Greenblatt (1991) define dois conceitos importantes: ressonância e encantamento. Os objetos que compõem um patrimônio precisam encontrar “ressonância” junto a seu público. O historiador Stephen Greenblatt conceitua “ressonância” e “encantamento”, examinando a maneira como nossa cultura apresenta, para si mesma, não os vestígios textuais de seu passado, mas os vestígios visuais e materiais que dele sobrevivem, pois estes últimos estão colocados em exibição em museus e galerias, projetados especificamente para este fim.

Por ressonância entendo o poder do objeto exibido de alcançar um mundo maior além de seus limites formais, de evocar em quem os vê as forças culturais complexas e dinâmicas das quais emergiu e das quais pode ser considerado pelo espectador como uma metáfora ou simples sinédoque (GREENBLATT, 1991, p. 250).

Ou seja, ressonância, como o poder de evocar no espectador as forças culturais complexas e dinâmicas de onde eles emergiram. O autor define também encantamento.

Por encantamento entendo o poder do objeto exibido de pregar o espectador em seu lugar, de transmitir um sentimento arrebatador de unicidade, de evocar uma atenção exaltada (GREENBLATT, 1991, p. 250).

O encantamento tem a ver com uma espécie de veneração e tem sido mais associado ao formalismo do que ao historicismo. Costumamos venerar determinadas obras históricas, com seu passado e tradição. Uma obra de arte conhecida, como algumas obras de Picasso, Toulouse-Lautrec, Leonardo da Vinci, ou documentos da proclamação de independência, para ilustrar, são vistos como vestígios visuais e materiais colocados em exibição em museus e galerias projetados especificamente para este fim. Já museus com objetos que não valem pela sua singularidade, mas pela sua capacidade de proporcionar o conhecimento de uma manifestação social, expressiva, podem causar ressonâncias com maior intensidade pelo poder de evocar no espectador as forças culturais complexas e dinâmicas (fig.5 e fig.6).



Fig.5. Vista geral da sala expositiva, onde os painéis estão expostos como acervo (2017). "Imersão". Fonte: acervo do Museu da Escola Catarinense.

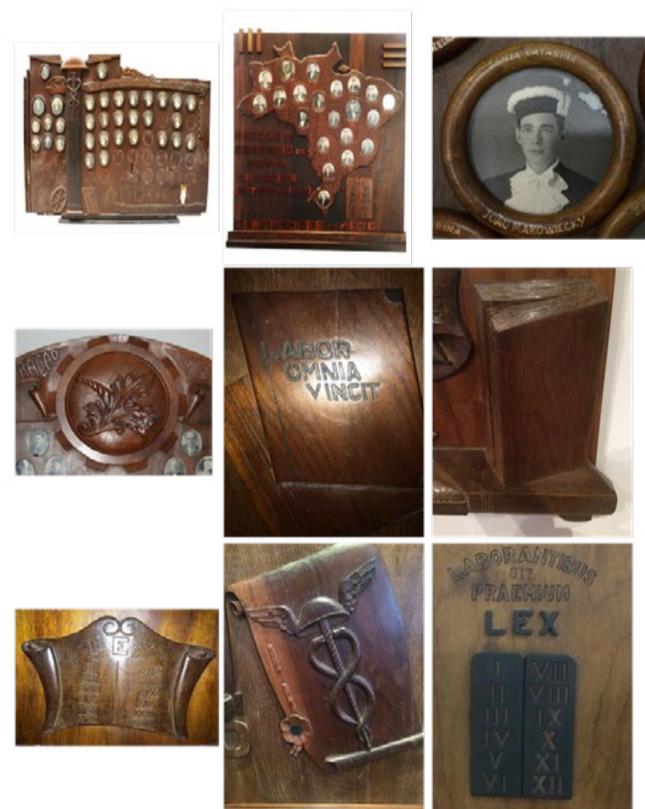


Fig.6. Símbolos presentes na ornamentação- Flores, caduceu, Lex com doze leis, lemas em latim, fotografias, livros, mapa de Santa Catarina. Fonte: acervo do Museu da Escola Catarinense.

Uma exposição ressonante, explica o autor, frequentemente distancia o espectador da celebração de objetos isolados, e o leva em direção a uma série de relações e questões sugeridas, apenas semivisíveis. E lança uma série de perguntas aplicadas ao que vemos no Museu da Escola Catarinense, ao vermos seus objetos, seus móveis, sua cultura material escolar:

Como os objetos chegaram a ser expostos? O que está em jogo na sua caracterização como “dignos de museu”? Como eram originalmente utilizados? [...] Quais os sentimentos das pessoas que originalmente seguraram esses objetos, os colecionaram, possuíram? Qual o significado de meu relacionamento com esses mesmos objetos agora que eles estão expostos aqui, neste museu, neste dia? (GREENBLATT, 1991, p. 253).

Desta forma, entendemos o Museu da Escola Catarinense como um museu de ressonâncias. Importante destacar que alguns visitantes acabam por emocionar-se de tal forma que nos surpreende verificar o efeito que exerce na memória das pessoas. Muitos relatam fatos e histórias vivenciadas naquela época, outros falam das histórias que ouvem de seus pais, outros relatam suas próprias histórias no prédio do museu. Os depoimentos contidos nos livros de visita nos levam geralmente a uma ênfase maior no próprio prédio, onde se formaram muitos professores que ali retornam, ou à própria atmosfera do ambiente escolar que exerce um efeito diferenciado em cada espectador. O elogio ao espaço físico é constante, bem como um agradecimento pelo cuidado que se tem com o espaço e a valorização da memória.

SOBRE A CONSTRUÇÃO DE UM ARQUIVO VIRTUAL

O Museu da Escola Catarinense (MESC), da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), lançou uma nova página em www.museudaescola.udesc.br (fig. 7 e fig.8), dentro do portal da instituição, para aumentar a visibilidade do seu acervo e facilitar o acesso do público à sua estrutura. O ambiente virtual, que apresenta informações completas sobre o local, foi desenvolvido pela designer gráfica Fernanda do Canto. O projeto teve como base as pesquisas feitas por Eduardo Petry, estudante de Arquitetura e estagiário do Museu da UDESC, e pela coordenadora do espaço, Sandra Makowiecky. A nova página é de fácil navegação e mostra especificidades, objetivos e atividades do museu, onde o visitante virtual pode ter acesso a informações como eventos, histórico, descrição e imagem,

salas das exposições permanentes, acervo documental, fotográfico, descrição das salas destaques, projetos de educação escolar, plano museológico, pesquisas e textos sobre educação escolar, documentos do Museu, entre outros, visando também facilitar a busca de informações pela própria equipe do museu. Mesmo não sendo ainda interativo, ele supre a finalidade de informar. Precisamos avançar muito, mas já temos um trabalho em que apenas na coleta dos arquivos e a construção de sua lógica, se levou três anos de pesquisa.



Fig.7. Página do Museu da Escola Catarinense. Fonte: acervo do Museu da Escola Catarinense.

Fig.8. Aspectos contemplados no site do Museu da Escola Catarinense.

- Administrativo
- Institucional
- Plano museológico
- Histórico
- Equipamento Histórico do Museu
- Biblioteca e Acervo Virtual
- Exposições permanentes
- Salas em destaque
- Salas Multiuso
- Uso dos espaços
- Sobre doações
- Visite o museu
- Agenda de eventos
- Contatos
- Links de interesse

Aos poucos, o objetivo geral do Museu, de preservar, pesquisar, comunicar a partir do acervo, assim como conceber e desenvolver ações museológicas definidas no Plano Museológico, garantindo uma administração e gerenciamento em consonância com a política museológica proposta, que visa reunir um acervo representativo da cultura material relativa à educação escolar em Santa Catarina, se consolida, em um espaço digno da educação. Outro cuidado que as instituições museológicas, sobretudo as públicas, ao utilizarem novas tecnologias, devem tentar manter, além do equilíbrio no uso desses recursos expositivos, diz respeito à atualização e manutenção dos equipamentos, evitando com isso padecer da obsolescência tecnológica que pode afligir esses espaços, caso não disponham de recursos destinados para sua contínua conservação, pesquisa e atualização. Este passo ainda precisa ser dado em maior escala, mas nossa página visa diminuir esta distância. A página do Museu se caracteriza como um arquivo visual que completa a exposição. De sua casa ou de qualquer lugar, quem visitou o Museu pode retornar a ele com calma, lendo sobre tudo que viu no Museu. Pode assimilar com mais cuidado as informações e de igual forma, ampliar pesquisas sobre o tema.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muitas são as questões presentes nos significados atribuídos ao patrimônio cultural com ênfase em políticas públicas de preservação, batalhas de memória e embates identitários, bem como tensões entre o público e o privado nos processos de patrimonialização.

A experiência de preservação do espaço e construção de um arquivo virtual no Museu da Escola Catarinense nos remete de imediato à pulsão de morte a que se refere Derrida, em *“Mal de arquivo”*, uma pulsão de agressão e de destruição, que impele ao esquecimento, à amnésia, à aniquilação da memória. “A pulsão de morte é acima de tudo, anarquívica [...] sempre foi, por vocação, silenciosa, destruidora do arquivo. A pulsão de morte é também uma pulsão de agressão e de destruição” (DERRIDA, 2001, p. 21-2). Neste breve texto, evidenciamos duas formas que encontramos para manter um patrimônio cultural, reagindo contra a pulsão de morte, reforçando que acreditamos ter realizado uma parceria público-privada de pleno êxito e que pode ser modelo a ser seguido em outros casos. Por fim, nossa página fornece um completo arquivo digital que facilita pesquisas e difusão do conhecimento.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. O que é contemporâneo? E outros ensaios. Chapecó: Argos, 2009.
- BRANDI, Cesare. Teoria da Restauração. Cotia/SP, Ateliê Editorial, 2004.
- DERRIDA, Jacques. Mal de arquivo: uma impressão freudiana. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- DERRIDA, Jacques. Pensar em não ver: escritos sobre as artes do visível (1979-2004). Florianópolis: Ed. da UFSC, 2012.
- GREENBLATT, Stephen. O novo historicismo: ressonância e encantamento. Revista Estudos Históricos. Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, p. 244-261, dez. 1991. ISSN 2178-1494. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2323/1462>>. Acesso em: 26 Ago. 2016.
- VINÃS, Salvador Muñoz. Teoría contemporánea de la restauración. Madrid: Editorial Síntesis, 2003.
- Site oficial do Museu da Escola Catarinense. Disponível em < <http://www.museudaescola.udesc.br> >. Acesso em 08 fev.2018.

MINI-CURRÍCULO DOS AUTORES

Diana Weschler

Doutora em História da Arte pela Universidade de Granada (Espanha) e Licenciada em Artes e Graduada em Filosofia e Letras pela Universidade de Buenos Aires (UBA). Pesquisadora do Conselho Nacional de Pesquisa Científica e Técnica (Conicet/Argentina), curadora, crítica de arte e diretora do Doutorado em Teoria Comparada das Artes e do Mestrado em Curadoria em Artes Visuais da Universidad Nacional Tres de Febrero (UN-TREF). Em 2014, recebeu o Diploma de Mérito dos Prêmios Konex na disciplina “Ensaio de Arte”. É a atual diretora artística da Bienal Internacional de Arte Contemporânea da América do Sul BIENALSUR.

Heloisa Helena Costa

Doutora em Sociologia pela Universidade do Quebec em Montreal (Canadá), mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e graduação em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e em Museologia pelo Museu Histórico Nacional. É professora permanente do PPG em Museologia/Mestrado (UFBA). Professora colaboradora do PPG em Museologia e Patrimônio da UNIRIO e do Mestrado Profissionalizante em Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Pesquisadora nas áreas de História, Museologia, Gestão de Cidades Históricas e Estratégias de Preservação do Patrimônio Cultural. Lidera o GREMM - Grupo de Estudos em Museologia, Museus e Monumentos que atua em parceria solidária com o NEPAUR/UNIFACS e com a Universidade Nova de Lisboa.

Mariela Yeregui

Doutora em Filosofia dos Meios pela European Graduate School (Suíça), mestre em Literatura pela Universidade Nacional da Costa do Marfim, e formada em Artes pela Universidade de Buenos Aires (UBA), na Escola de Cinema do Instituto Nacional de Cinema e Artes Audiovisuais (INCAA). Realizou residências no Hipermédia Estúdio Universidade

da Califórnia em Los Angeles (UCLA), no Centro de Ban para as Artes (Canadá), no Media Center of Art and Design (MECAD, Espanha) e no Stiftung Künstlerdorf Schöppingen (Alemanha). Trabalha com instalações interativas, instalações de vídeo, net art, intervenções em espaços públicos, escultura de vídeo e instalações robóticas. É diretora do Mestrado em Artes Eletrônicas da Universidad Nacional Tres de Febrero (UNTREF).

Marcio Andrei Flores Souza

Possui Mestrado em Patrimônio Cultural Universidade Federal de Santa Maria (2016), Pós-graduação á nível de Especialização em DESIGN PARA ESTAMPARIA (2002), graduação em DESENHO E PLÁSTICA pela Universidade Federal de Santa Maria (2000). Curso de Extensão PATRIMÔNIO CULTURAL E PRÁTICAS MUSEOLÓGICAS: TURISMO E GESTÃO (2011) Atualmente é Diretor do Museu de Arte de Santa Maria e Coordenador do Sistema Municipal de Museus de Santa Maria, realizando atividades no campo da museologia, Design de Superfície, Artes Visuais, Curadoria, Expografia, Expologia e Museografia. Realiza pesquisas nas Áreas do Patrimônio Cultural, História e cultura material e imaterial com enfoque nas artes visuais, processos híbridos e arte contemporânea. Presidente do Núcleo de Arte têxtil do RS, Membro do Conselho de Políticas Culturais de Santa Maria/ Segmento da Cultura, Esporte e Lazer e Membro do Colegiado de Museus do RS.

Nara Cristina Santos

Pós-doutorado em Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), doutora pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e doutorado sanduíche na Paris VIII (França). Desde 1993 é professora do Departamento de Artes Visuais/UFSM, onde atua na Pós-Graduação em Artes Visuais/PPGART e nos Cursos de Graduação Bacharelado e Licenciatura em Artes Visuais. Pesquisadora na área de Artes Visuais, em História, Teoria, Crítica e Curadoria com projetos transdisciplinares em arte-ciência-tecnologia. Coordena o Laboratório de Pesquisa em Arte Contemporânea, Tecnologia e Mídias Digitais (LABART) e lidera o grupo de pesquisa Arte e Tecnologia/UFSM-CNPq. Membro do Comitê Brasileiro de História da Arte (CBHA). Presidente da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas (ANPAP) biênio 2015-2016.

Priscila Arantes

Pós-doutora pela Penn State University (USA) e doutora e mestre em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). Diretora cultural e curadora chefe do Paço das Artes desde 2007. Entre 2007 e 2011 foi diretora adjunta do Museu da Imagem e Som (MIS/SP) atuando na curadoria de programação. É vice coordenadora do Curso de Arte: História Crítica e Curadoria da PUC/SP e docente do Mestrado e Doutorado em Design, Arte e Tecnologia da Universidade Anhembi Morumbi. É membro da Associação Brasileira de Críticos de Arte (ABCA) e da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas (ANPAP). É autora de *Arte@Mídia: perspectivas da estética digital* (FAPESP/SENAC 2012 2ed.), *Reescrituras da Arte Contemporânea: história, arquivo e mídia* (Ed.Sulinas, 2012), dentre outros.

Sandra Makowiecky

Doutora no programa Interdisciplinar em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e mestre em Gestão do Desenvolvimento e Cooperação Internacional pela Universidade Moderna de Lisboa. Professora de Estética e História da Arte do Centro de Artes da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) e do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, na linha de Teoria e História da Arte. É membro da Associação Internacional de Críticos de Arte (AICA) - Seção Brasil, do Comitê Brasileiro de História da Arte (CBHA) e da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas (ANPAP). Lidera o Grupo de pesquisa História da arte: imagem - acontecimento UDESC/CNPq. Possui diversas publicações na área de História da arte. Beatriz Goudard (Joinville, SC, Brasil) Doutora na área de Engenharia Civil, Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), atua no Museu da Escola Catarinense e no Centro de educação à Distância (MESC-CEAD). Tem experiência em planejamento urbano, avaliação ambiental e matemática, além de ampla atuação na área administrativa da Universidade.

Suzete Venturelli

Pós-doutora na Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo (USP) e doutora em Artes e Ciências da Arte, na Universidade Sorbonne Paris I (França). Desde 1986 é professora, artista e pesquisadora da Universidade de Brasília (UnB) e do CNPq. É membro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas (ANPAP). Publicou os

livros Arte: espaço_tempo_imagem e Imagem Interativa, ambos pela EdUnB. Sua produção artística, científica e tecnológica envolve a Arte Computacional, Arte e Tecnologia, Realidade Virtual, Mundos Virtuais, Animação, Arte digital, Ambientes Virtuais, Sound Art e Imagem Interativa. Coordena os Encontros Internacionais de Arte e Tecnologia (#ART). Alguns prêmios recebidos foram: XPTA_LAB, Ministério de Cultura e Sociedade dos Amigos da Cinemateca.

Tania Aedo

Graduada em Artes Visuais pela Escola Nacional de Artes Plásticas da Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM) e licenciada em Educação Artística na Escola de Artes de Yucatan. Foi bolsista de FONCA (Fondo Nacional para la Cultura y las Artes) na área de Novos Meios da Fundação Rockefeller-Ford-Mc Arthur. Integrou em 2010 o Programa de Alta Dirección en Museos (PADEM). Produtora cultural com longa trajetória no desenvolvimento de projetos transdisciplinares, especialmente na área de arte, ciência e tecnologia. Desde de 2007, é diretora do Laboratório Arte Alameda (LAA) vinculado ao Instituto Nacional de Bellas Artes (INBA). Participou do Programa de Gestão Sênior em Museus (Instituto Tecnológico Autônomo do México, Instituto de Liderança e do Instituto Getty Museum Liderança).

Valéria Boelter

Doutoranda em Design na Universidade de Aveiro-Portugal - Bolsista da FCT. Mestra em Arte Visuais - PPGART/UFSM. Especialista em Design de estampas no SENAI CETQT/RJ. Graduada em Desenho Industrial-Programação Visual - UFSM. Investigadora do ID+ (Instituto de Investigação em Design, Média e Cultura). Colaboradora do LABART (Laboratório de Pesquisa em Arte Contemporânea, Tecnologias e Mídias Digitais) e do Grupo de Pesquisa Arte e Tecnologia/ CNPq - UFSM. É designer gráfica com experiência no projeto de exposições e catálogos.

REALIZAÇÃO



arte tecnologia

LABART Laboratório de Pesquisa em
Arte Contemporânea,
Tecnologia e Mídias Digitais

PARCERIA

UNTREF

UNIVERSIDAD NACIONAL
DE TRES DE FEBRERO

APOIO



PPGART

Mestrado em Artes Visuais
UFSM



MUSEU
arte
ciência
tecnologia



CAL

CENTRO DE
ARTES E LETRAS
UFSM



PPGART
editora